

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
DO OUTRO LADO DO ESPELHO
26 de agosto de 2022

WRITTEN ON THE WIND / 1956

(*Escrito no Vento*)

um filme de Douglas Sirk

Realização: Douglas Sirk / **Argumento:** George Zuckerman, segundo o romance homónimo de Robert Wilder / **Direcção Artística:** Alexander Golitzen e Robert Clatworthy / **Fotografia:** Russel Metty / **Efeitos Especiais:** Clifford Stine / **Décors:** Russell A. Gausman e Julia Heron / **Guarda-Roupa:** Bill Thomas e Jay Morley Jr. / **Consultor para a Cor:** William Fritzsche / **Música:** Frank Skinner, Joseph Gershenson / **Canção:** "Written on the Wind", música de Victor Young, letra de Sammy Cahn / **Montagem:** Russell F. Schoengarth / **Interpretação:** Rock Hudson (Mitch Wayne), Lauren Bacall (Lucy Hadley), Robert Stack (Kyle Hadley), Dorothy Malone (Marylee Hadley), Robert Keith (Jasper Hadley), Grant Williams (Bipp Miley), Henry Shannon (Wayne), etc.

Produção: Albert Zugsmith para a Universal-Internacional / **Cópia:** 35mm, Technicolor, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 98 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 25 de Setembro de 1956 / **Estreia em Portugal:** Cinemas S. Luís e Alvalade, a 19 de Março de 1957

Written on the Wind é apresentado com **Mirror World**, de Abigail Child ("folha" distribuída em separado).

Em Outubro de 1978, Douglas Sirk escreveu: *"A filosofia sempre me apaixonou, a filosofia enquanto cineasta. Quando falo de assuntos como a luz que passa através das janelas, as pessoas a quem falo pensam logo na luz brilhante, esquecendo-se da luz sombria, da luz da noite, etc. Na medida em que isso era possível, no interior dos meus filmes americanos (que, evidentemente, no sistema dos estúdios, se baseiam no bem conhecido optimismo americano) pode sentir-se, penso eu (...) uma obscuridade subjacente, quase um pessimismo (...). Os estúdios não queriam filmes pessimistas e por isso pretendiam sempre um 'happy end'. Escrevi em alemão qualquer coisa sobre o 'happy end' que enviei a vários jornais. E comparei o 'happy end' a algo de profundamente infeliz. Pensem nas tragédias gregas. As tragédias gregas, que, apesar de tudo, não são tão conhecidas como se julga, são fundamentalmente pessimistas. Ora, no fim dum filme, Deus - um deus - tem que juntar-se à acção e transformar a situação pelo melhor, por forma a que o público possa deixar a sala e ter um sono descansado, à noite. Se percebem o que estou a dizer (é um pouco irónico, mas é verdadeiro) a lógica final disto culmina e atinge a sua verdade máxima em Eurípedes. Eurípedes é um autor profundamente pessimista, mas as suas peças acabam sempre com um 'happy end'. Comparei o 'happy end' - é uma metáfora estranha - ao sinal luminoso encarnado SAÍDA nos cinemas. No caso dum fogo, dum guerra, dum bombardeamento, há uma saída, pode-se sair cá para fora, voltar à luz do dia, PODEMOS SALVAR-NOS, é a nossa porta de saída".*

A "porta de saída" de **Written on the Wind**, filme abafado e sufocante, com uma das mais delirantes cores jamais vistas em cinema, é a sequência do julgamento e a reviravolta final de Dorothy Malone (mais uma vez, Sirk a revelar esta espantosa atriz) quando, com o enorme

chapéu, decide dar a prova da inocência de Rock Hudson. Este, e nós por sua intercessão, podemos salvar e sentir salvos, mas o que se passou ali (naquele espaço envolvente do Texas que Sirk aborda como ninguém e a que a série televisiva *Dallas* foi buscar tantas coisas) não se atenuou por isso. E, no fundo, aquela mulher e aquele homem (sobretudo Malone) perderam tudo, chegaram ao malogro total (*"não o malogro, no sentido dos autores decadentes, dos neo-românticos que defendem a beleza do malogro, mas o que nos invade sem razões, e que é o contrário, por exemplo, do das obras de Hofmannstahl"* disse Sirk também).

A esse tema do "échec" vem juntar-se o da impotência sexual (Stack) e o da família como circuito fechado e "nó de víboras" (*"o meu ideal"* - para citar mais uma vez Sirk - *"é o da tragédia grega em que tudo se passa em família, no mesmo local"*), e o da associação do erotismo e da morte (não me recordo de mais assombrosa sequência masturbatória que a dança de Dorothy Malone, culminando na morte do pai). E pode-se acrescentar que a complicada teia familiar dos quatro protagonistas quase não esconde o tema que em filigrana (havia estúdios, havia códigos, havia tabus) se insinua sob eles e que é o tema do incesto. As duas irmãs (Bacall e Malone) não amam irmãos, no sentido literal do termo, mas Hudson e Stack, habitantes do mesmo espaço, são de facto irmãos delas e isso provoca exactamente (numa interpretação não muito exotérica) a morte do pai. E a ninfomania de Malone, a impotência de Stack (a vulnerabilidade profunda da personagem), a esterilidade de Bacall e a frigidez de Hudson (os dois primeiros fortissimamente sexualizados, os dois últimos profundamente assexuais) não são "figuras de retórica": reflectem o que o vento escreveu no contraste entre a força erótica do mundo exterior e o espaço cerrado da família, habitado por aquelas assombrosas flores (ligação de um a outro espaço) que permanentemente rodeiam Malone.

"Só as coisas condenadas podem ter um tal poder de atracção" disse Sirk também a propósito deste filme. Os Hadley são essa família condenada, que renegou o ideal dos pioneiros, encarnado pelo pai de Hudson (de que Stack queria ser filho, vendo nesse passado o rio encantado da sua infância, junto do qual morre). É o paraíso perdido desse tempo (o tempo da infância de Stack e Malone) que os faz ser sempre trânsfugas naquela casa de candelabros e enorme casa de jantar a que a esterilidade de Bacall preside. Desse paraíso, o rio e as flores são o símbolo, e daí o seu letal poder de atracção (atracção do passado, atracção da morte). Junto ao rio, como já dissemos, morre Stack, e é junto ao rio que Malone tenta possuir Rock Hudson.

E sem deixar de acentuar a incrível paleta tonal de Sirk (os encarnados, os azuis que presidem a tudo e partilham em todas as suas graduações as luzes e as sombras), sem deixar de sublinhar a escrita especular desta obra, a sua obsessão pictórica também (os quadros de Bacall, as gravuras japonesas) termino notando este facto paradoxal: o mundo de **Written on the Wind**, obra dum dinamarquês germanizado, é talvez, um dos mundos fílmicos que mais se aproxima da grande tradição romanesca "sulista" americana. De Thoreau a Faulkner, são os grandes nomes desta linhagem que este filme permanentemente evoca. O que de resto não é nada surpreendente num homem tão culto como Sirk e que rapidamente compreendeu que o pior que se podia fazer era "europeizar" temas americanos (que, aliás, desde Emerson como sabemos, têm raízes em Rousseau).

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico